

(c) 1986 by EDITORA ATLAS S.A.  
Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)  
Caixa Postal 7186 – Tel.: (011) 221-9144 (PABX)  
01203 São Paulo (SP)

1ª Edição – Maio – 1986

ISBN 85-224-0148-9

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização, por escrito, do Editor.

Diagramação  
Pavel Gerencer

Capa  
Paulo Ferreira Leite

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Araújo, Carlos Roberto Vieira.  
A688h História do pensamento econômico : uma abordagem introdutória / Carlos Roberto Vieira Araújo. -- São Paulo : Atlas, 1986.

Bibliografia.  
ISBN 85-224-0148-9

1. Economia 2. Economia — História I. Título.

86-0539 CDD-330.09  
--330.1

**Índices para catálogo sistemático:**

- 1. Economia : História 330.09
- 2. Economia : Sistemas e teoria 330.1
- 3. Pensamento econômico : História 330.09
- 4. Teorias econômicas 330.1

KEYNES. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo, Ática, 1978.

Além do seu valor intrínseco, esta obra apresenta ótima bibliografia sobre Keynes. Há uma ordenação das obras completas desse autor, conforme a cronologia de seu aparecimento original, bem como o cronograma seguido pela editora Macmillan, de Londres, para a publicação científica dessas obras.

DILLARD, Dudley. *A teoria econômica de John Maynard Keynes*, São Paulo, Pioneira, 1982.

Trata-se de um clássico sobre a obra de Keynes. No final de cada capítulo, o autor apresenta vasta bibliografia para consulta.

PREBISCH, Raúl. *Introdução a Keynes*, México, Fondo de Cultura económica, 1971.

Livro pequeno, didático e muito bem feito que procura explicar as idéias de Keynes para leigos.

ROBINSON, Joan. *Introdução à teoria do emprego*. Rio de Janeiro, Forense — Universitária, 1982.

Esse livro foi editado pela primeira vez em 1937, um ano após o lançamento da *Teoria geral*. O objetivo explícito da autora é explicar a novidade e os pontos mais controversos da obra máxima de Keynes a pessoas pouco habituadas ao jargão econômico.

Ler também, se possível, os livros de Hyman Minsky e de Victoria Chick, mencionados no texto.

14

Michal Kalecki (1899-1970)

#### 14. 1 A PROBLEMÁTICA

Kalecki passou grande parte de sua vida preocupado em explicar o crescimento e os ciclos das economias capitalistas. Neste esforço, chegará a conclusões muito próximas às de Keynes, e o *princípio da demanda efetiva* terá papel fundamental em toda sua obra. Por essa razão, alguns autores o classificam como keynesiano. Acrescenta-se a isto o fato de Kalecki ter vivido alguns anos na Inglaterra. Trabalhou e estudou na London School of Economics, Cambridge e Oxford, de 1936 a 1945. Por essa mesma época, Keynes publica *Teoria geral* (1936) e os economistas passam a discutir com veemência os temas aí expostos. Vivendo e escrevendo nesse ambiente, e defendendo o mesmo *princípio da demanda efetiva*, era natural que os menos avisados o classificassem como um dos discípulos de Keynes.

No entanto, a visão de Kalecki tem raízes diversas. Ele vem da escola marxista. Em 1933, três anos antes do aparecimento da *Teoria geral*, Kalecki, ainda na Polônia, publicara *Esboço de uma teoria do ciclo econômico*, pequeno trabalho onde apresenta e desenvolve o princípio da demanda efetiva. Este trabalho, com pequenas modificações, foi republicado em francês e inglês (1935).<sup>1</sup>

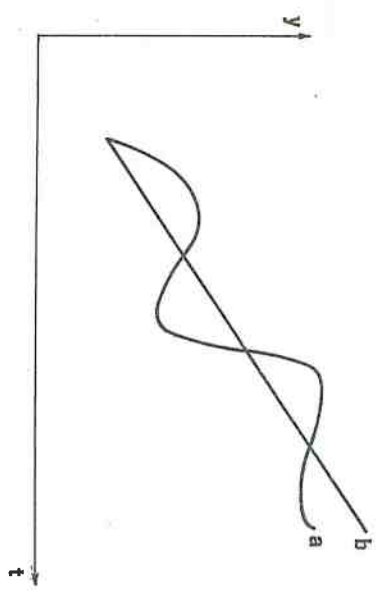
Não há dúvida de que a problemática de Keynes e Kalecki é muito semelhante, assim como a resposta de ambos a esta problemática. Eles estavam preocupados com o desemprego, a capacidade ociosa e a queda do nível de renda nacional. A grande depressão de 1929-33 que alcançara Inglaterra, Estados Unidos e os principais países capitalistas atingira também a Polônia cuja produção em 1933 era apenas 46% da produção de 1928.

<sup>1</sup> Ver Essai d'une théorie du mouvement cyclique des affaires. *Revue d'Economie Politique*, n.2, 1935; e A macrodynamic theory of business cycle. *Econometrica*, n. 3, 1935.

94393678

Ao tentar explicar esta situação, Kalecki defrontar-se-á com o problema da demanda efetiva e dos ciclos econômicos. Os próprios títulos de seus trabalhos revelam-nos que esses serão os temas que o absorverão pelo resto da vida. Como as economias capitalistas crescem? Quais as causas das oscilações cíclicas, nestas economias? Porque elas crescem de maneira cíclica?

Esquemáticamente.



A figura anterior ilustra a problemática kaleckiana. A linha *b* indica o crescimento. A linha *a* indica os ciclos. Kalecki tentou explicar separadamente o crescimento e os ciclos, que ele chamou de ciclos puros, por serem ciclos sem crescimento (os ciclos seriam horizontais, como numa economia estacionária). Sua ambição, porém, era achar uma explicação que integrasse, num mesmo modelo, o crescimento e o ciclo. Em junho de 1968, ele publica Tendência e Ciclo Econômico (*Economic Journal*), tendo este tipo de modelo.

O comportamento cíclico da economia é provocado por alterações na demanda efetiva, cujo principal componente (como em Keynes) é o investimento privado.

Há, contudo, duas grandes diferenças entre Keynes e Kalecki. Kalecki preocupa-se também com o longo prazo, como atestam seus estudos sobre o crescimento econômico. Keynes restringe-se ao curto prazo. Além disso Kalecki estuda as economias capitalistas levando em conta as classes sociais. Para ele, não existe uma função-consumo genérica. Existe consumo dos capitalistas e consumo dos trabalhadores. Existem lucros e salários e a articulação entre estas categorias é fundamental para explicar a dinâmica do sistema.

#### 14.2 A OBRA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Kalecki publicou inúmeros trabalhos e alguns livros. Toda esta obra versa sobre três temas principais:

- economias capitalistas desenvolvidas;
- economias socialistas;
- economias subdesenvolvidas.

A maior parte de sua obra aborda problemas das economias capitalistas avançadas.

Seu estilo é conciso. Com freqüência, recorre a expressões matemáticas para tornar mais compacto o desenvolvimento de seu raciocínio.

Não é uma obra fácil e não deve ser lida com rapidez. Seu principal livro sobre economias capitalistas desenvolvidas leva o nome de *Theory of economic dynamics* e é de 1954. Foi lançado em português, pela Abril Cultural, com o nome de *Teoria da dinâmica econômica*.

#### 14.3 DADOS BIOGRÁFICOS

Michal Kalecki nasceu em Lodz (1899) e morreu em Varsóvia (1970).

Filho de família judia de classe média, sua infância e juventude coincidem com um período de grandes transformações sociais e políticas, na Polónia e no resto do mundo. Datam dessa época a Primeira Guerra Mundial (1914-18), a revolução russa (1917), o surgimento do Estado polonês independente, após mais de um século de ocupação estrangeira (1918), bem como todo um conjunto de profundas alterações no mapa político da Europa.

Em 1917, Kalecki ingressa na Escola Politécnica de Varsóvia. Dois anos depois tem de trocar os estudos pelo serviço militar. Em 1921, volta à Escola Politécnica, agora, em Gdansk, mas em 1923 interrompe novamente os estudos para sustentar a família.

Na escola, entretanto em contato com a economia marxista através das obras de Tugan-Baranovski e Rosa Luxemburgo. A partir desse momento, seus interesses intelectuais se definem.

Em 1927 muda para Varsóvia e, dois anos depois, ingressa no *Instituto de Pesquisa de Conjuntura Econômica e Preços*. Neste instituto, realiza muitos estudos empíricos e leva a cabo uma pesquisa pioneira sobre a renda nacional da Polónia, sob a direção do grande estatístico Landau. De 1927 a 32 suas pesquisas versam sobre estudos empíricos. A partir de 1935, começam a surgir seus primeiros trabalhos sobre teoria econômica. Datam desse ano o *Esboço de uma teoria do ciclo econômico* e *Comércio internacional e "exportações internas"*. Por exportações internas ele enten-



de os *gastos do governo*. Já nesta época, Kalecki procura mostrar teoricamente os efeitos positivos dos gastos governamentais nos lucros dos capitalistas e na ampliação da renda nacional.

A expressão *exportações internas* merece esclarecimento. Ela tem raízes na obra de Rosa Luxemburgo. Para esta autora, o capitalismo só poderá sobreviver enquanto existirem regiões ou espaços não capitalistas capazes de absorver a produção capitalista. Estes espaços não capitalistas, para os quais os países capitalistas exportam, não são necessariamente outros países. Podem ser os setores não capitalistas no interior de um país capitalista, como é o caso da economia camponesa e do governo.

Kalecki mostrará (corrigindo Rosa Luxemburgo) que o importante, nestes casos, é o saldo líquido das exportações (exportações menos importações) e não o volume total de exportações.

Ao falar dos gastos governamentais, ele salienta a repercussão positiva destes gastos na economia, mas tem o cuidado de mostrar que o aumento da atividade econômica daí resultante leva também ao aumento das importações e, neste caso, o importante é o saldo e não o aumento bruto da renda.

Em 1935 Kalecki ganha uma bolsa de estudo. Resolve ir para a Suécia, onde, no momento, Gunnar Myrdal estava preocupado com problemas teóricos semelhantes aos seus. Desiludido com os supostos teóricos de Myrdal, ele parte para a Inglaterra, no ano seguinte (1936), onde, com a recente publicação da *Teoria geral*, encontraria clima propício a suas pesquisas.

Inicia na London School of Economics, passando depois para Cambridge, onde encontra Keynes e aumenta sua amizade por Joan Robinson e Piero Sraffa. Em janeiro de 1940 transfere-se para Oxford, onde permanece até o fim da guerra.

Em 1946 volta à Polônia, mas, descontente com a política stalinista de seu governo, parte para New York, onde trabalha no departamento econômico das Nações Unidas. Permanece em seu posto até 1954, quando se demite por questões de princípio.

Em 1955 está novamente na Polônia e aí permanece até 1968. Neste ano, com a perseguição movida pelo governo a alguns de seus melhores amigos e colegas, Kalecki demite-se mais uma vez. A personalidade deste homem é extremamente coerente. Três vezes ele deixa cargos e funções em solidariedade a amigos perseguidos ou por coerência de princípios. Em 1937, já na Inglaterra, demite-se do *Instituto de Pesquisa de Conjuntura Econômica e Preços* em solidariedade a Landau, seu antigo superior nesse instituto, e que perdera o cargo a mando do governo polonês. Em 1954 demite-se do departamento econômico das Nações Unidas porque, sob a influência da guerra-fria e do macartismo, alteraram um relatório orientado por ele sobre a situação econômica da China popular. Em 1968, abandona todas as funções e cargos na Polônia e recusa-se mesmo a escrever em seus jornais, porque um governo sectário persegua seus colegas.

Morre em 1970 reconhecido como um dos maiores economistas deste século e deixando atrás de si uma obra notável.

#### 14.4 A RENDA NACIONAL E OS DETERMINANTES DO LUCRO (EQUAÇÃO SIMPLES)

Kalecki inicia seu estudo do capitalismo separando os agentes econômicos em duas classes sociais, capitalistas e trabalhadores. Supõe, inicialmente, uma economia fechada (sem comércio exterior) e sem governo. Supõe ainda que os trabalhadores gastam tudo o que ganham (não pouparam). Tendo em mente estes supostos, divide a economia em três setores ou departamentos:

- Departamento I (produtor de bens de produção).
- Departamento II (produtor de bens de consumo para os capitalistas).
- Departamento III (produtor de bens de consumo para os trabalhadores).

No quadro a seguir, usamos os seguintes símbolos:

- $P$  — lucro
- $W$  — salário
- $I$  — investimento
- $C_c$  — consumo dos capitalistas
- $C_w$  — consumo dos trabalhadores

Os diversos índices numéricos indicam os departamentos a que pertencem os símbolos. Por exemplo,  $P_1$  significa o lucro do Departamento I,  $W_2$  significa a massa de salário paga no Departamento II etc.

Para simplificar o raciocínio, ele supõe que os bens intermediários são produzidos pelos próprios departamentos que os utilizam. Temos, então:

Departamento I	Departamento II	Departamento III	
$P_1$	$P_2$	$P_3$	$P$
$W_1$	$W_2$	$W_3$	$W$
$I$	$C_c$	$C_w$	$Y$

A soma dos lucros dos três departamentos dá o lucro total:

$$P_1 + P_2 + P_3 = P$$

A soma dos salários dos três departamentos dá o salário total:

$$W_1 + W_2 + W_3 = W$$

A renda nacional pode ser obtida somando a última coluna ou a última linha. Temos, então:

$$P + W = Y \quad (1) \text{ leitura da coluna (vertical)}$$

$$I + C_c + C_w = Y \quad (2) \text{ leitura da linha (horizontal)}$$

De (1) e (2) temos:

$$P + W = I + C_c + C_w \quad (3)$$

mas como por hipótese os trabalhadores gastam todo o salário em bens de consumo, temos que o salário é igual ao consumo dos trabalhadores, ou seja:

$$W = C_w \quad (4)$$

Substituindo (4) em (3), temos:

$$P + W = I + C_c + W$$

$$P = I + C_c \quad (5)$$

Esta última equação não é apenas uma igualdade contábil. Para Kalecki, ela quer dizer muito mais do que isso. Quer dizer que o lucro é determinado pelo investimento ( $I$ ) e pelo consumo dos capitalistas ( $C_c$ ). Qual a razão que ele aduz para isso? Por que não dizer simplesmente que o lucro se divide em investimento e consumo dos capitalistas? A razão é simples. Os capitalistas não podem decidir *diretamente* sobre o lucro futuro. Mas podem decidir *diretamente* sobre o quanto irão gastar em consumo e em investimento. A decisão sobre o consumo e o investimento determina o lucro. E quanto mais gastarem, tanto maior será seu lucro. Eis uma conclusão paradoxal.

— Os capitalistas ganham o que gastam.

— Os trabalhadores gastam o que ganham.

Estas duas afirmações de Kalecki decorrem da equação (5). Não são jogos de palavras.

Para toda a escola clássica e neoclássica, isto tudo é muito estranho. Adam Smith fizera o elogio da parcimônia. O capitalista devia ser parcimonioso para aplicar em investimento o que deixara de consumir. Böhm-Bawerk, Fisher e todos os construtores da teoria neoclássica do investi-

mento afirmavam que o lucro era o prêmio pelo sacrifício que se faz ao adiar o consumo. Chega Kalecki e afirma exatamente o contrário: os capitalistas tanto mais ganharão quanto mais gastarem. E isto por uma razão simples: o volume da renda nacional não é dado como se fosse um bolo. A renda aumenta com os gastos e diminui com os cortes nos gastos. Está aqui todo o problema da *demandada efetiva*.

É bom notar que esta é também a conclusão de Keynes. Não é à toa que sua teoria pareceu tão revolucionária aos olhos neoclássicos.

#### 14.5 OS SALÁRIOS E OS LUCROS

Segundo a visão neoclássica (e a visão do senso-comum, que nem sempre é visão de bom-senso), quanto maiores os salários, menores os lucros. É a "teoria do bolo". Se examinarmos bem, veremos que isto não é verdade para a economia como um todo. Voltemos ao esquema de Kalecki:

I	II	III	P
P <sub>1</sub>	P <sub>2</sub>	P <sub>3</sub>	W
W <sub>1</sub>	W <sub>2</sub>	W <sub>3</sub>	
I	C <sub>c</sub>	C <sub>w</sub>	Y

Se houver um aumento geral de salários, a curtíssimo prazo os lucros dos departamentos I e II irão diminuir. Mas o departamento III, que produz bens de consumo para os trabalhadores, terá seu lucro aumentado do mesmo montante em que subiram os salários. No conjunto, permanece a divisão entre lucros e salários. O que houve foi transferência de renda dos capitalistas dos setores I e II para os capitalistas do setor III. Isto porque:

$$W_1 + W_2 = P_3 \quad (6)$$

A equação (6) mostra apenas que o lucro do departamento III é igual à soma da massa salarial dos departamentos I e II.

A suposição implícita neste raciocínio é a de que os departamentos trabalham com capacidade ociosa. Portanto, com o aumento dos salários, o departamento III poderá aumentar sua produção. Não se esqueça de que o departamento III vende bens de salário e de que os trabalhadores

não poupam. A suposição de capacidade ociosa é realista. Kalecki a faz porque o sistema capitalista quase nunca trabalha com pleno emprego de fatores.<sup>2</sup>

Não sendo válida tal suposição, teríamos inflação no departamento III que, não podendo atender ao excesso de demanda decorrente de maiores salários, aumentaria seus preços. Esse aumento, por sua vez, se propagaria por todo o sistema, via pressões salariais.

Mantenhamos a hipótese da capacidade ociosa, que é a mais realista. Neste caso, os lucros do departamento III aumentarão. Este departamento multiplicará suas encomendas ao departamento I que, assim, verá aumentados seus lucros. Voltemos, agora, às equações (5) e (1).

$$P = I + C_c \quad (5)$$

$$Y = P + W \quad (1)$$

O aumento dos investimentos aumentará os lucros. O aumento dos lucros aumentará a renda que levará todo o sistema para um patamar mais elevado.<sup>3</sup>

#### 14.6 A RENDA NACIONAL E OS DETERMINANTES DO LUCRO (EQUAÇÃO AMPLIADA)

Vamos agora ampliar o modelo. Ampliar o modelo significa levar em conta as relações do país com o exterior, isto é, seu saldo de exportações, os gastos do governo e a tributação. Neste caso, o produto nacional bruto será resultado das somas que aparecem nas duas colunas abaixo:

<p>(1)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Lucros brutos menos impostos</li> <li>Salários menos impostos</li> <li>Impostos diretos e indiretos</li> <li>Produto Nacional Bruto</li> </ul>	<p>(2)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Investimento bruto</li> <li>Saldo das exportações</li> <li>Gastos do governo</li> <li>Consumo dos capitalistas</li> <li>Consumo dos trabalhadores</li> <li>Produto Nacional Bruto</li> </ul>
--	--

Reescrevendo em símbolos a coluna (2), teríamos:

$$Y = I + C_c + C_w + E + G$$

2. Keynes, ao longo das páginas da Teoria geral, sugere que a situação normal numa economia capitalista é uma situação de não pleno-emprego dos fatores. Kalecki é mais explícito. Chega a apresentar uma explicação plausível para esse estado de coisas. Ver a esse respeito Os aspectos políticos do pleno emprego. In: KALECKI, Michal, Crescimento e ciclo das economias capitalistas São Paulo, Hucitec, 1980.

3. Ver Luta de classe e distribuição da renda nacional. In: KALECKI, Michal. Op. cit.

onde:

$Y$	renda ou produto nacional bruto
$I$	investimento
$C_c$	consumo dos capitalistas
$C_w$	consumo dos trabalhadores
$EX$	saldo das exportações
$G$	gastos do governo

É evidente que os gastos governamentais terão tanto maior poder de ampliar a renda, quanto menores forem os impostos. Mas para se gastar mais do que se recolhe em impostos, o governo terá de contrair dívidas. Nesse caso teríamos déficit orçamentário. O  $G$  pode expressar o valor do déficit orçamentário. Pois bem, tanto o saldo líquido das exportações como o déficit orçamentário têm um poder multiplicador sobre os lucros. Estes serão tanto maiores quanto maiores forem o saldo de exportações e o déficit orçamentário.

O esforço que os países capitalistas fazem para conquistar e ampliar mercados avança nesta linha.

Keynes chegara à mesma conclusão. O que diferencia Kalecki de Keynes, neste aspecto, é que o primeiro mostrará que não interessa aos capitalistas que o governo use todo esse poder para eliminar o desemprego. A capacidade ociosa tem um papel funcional na economia capitalista, como já mencionamos. Elimina-la totalmente, por meio de gastos governamentais, traria desvantagens para os beneficiários do sistema: (1) aumentaria o poder de barganha dos operários, (2) diminuiria o poder decisório dos próprios capitalistas.

#### 14.7 FATORES DETERMINANTES DAS PARCELAS QUE COMPÕEM A RENDA NACIONAL

No modelo ampliado, vimos que a renda nacional ( $Y$ ) compõe-se dos seguintes elementos:

$I$	investimento bruto
$C_c$	consumo dos capitalistas
$C_w$	consumo dos trabalhadores
$EX$	saldo líquido das exportações
$G$	deficit orçamentário

ou:

$$Y = I + C_c + C_w + E_x + G$$



Temos de estudar agora os determinantes de cada uma dessas parcelas que compõem a renda.

#### 14.7.1 Determinantes do investimento

Kalecki percebeu que a chave para se compreender a dinâmica do sistema capitalista está no investimento privado. O investimento público é importante, mas, como vimos, o governo não tem total autonomia para manipular seus gastos. Assim sendo, grande parte do esforço de Kalecki volta-se para a elucidação do problema dos determinantes do investimento privado. Abordou-o em vários trabalhos, de 1933 a 1968. Nunca deixou de se preocupar com o assunto.<sup>4</sup> A linha de raciocínio que apresentaremos aqui baseia-se em dois trabalhos: *Teoria da dinâmica econômica*, partes terceira e quarta (Capítulos: 6 a 10) e *Tendências e ciclo econômico*, onde expôs sua última visão sobre o assunto, alterando um pouco a visão anterior.

##### A — Taxa de juros

A taxa de juros, tão importante para se explicar o investimento nas escolas clássica e neoclássica, tem pouco peso na exposição de Kalecki. Vejamos por quê.

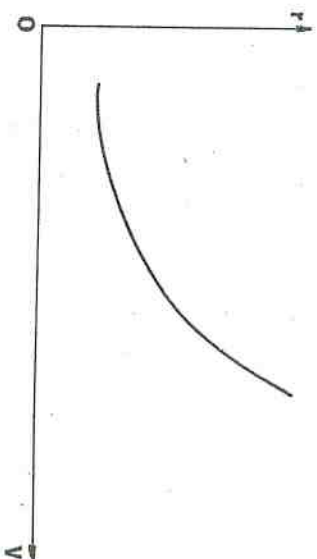
Kalecki separa a taxa de juros em taxa de curto prazo e taxa de longo prazo.

##### B — Taxa de juros a curto prazo

A taxa de juros de curto prazo não pode resultar da demanda e oferta de capital porque o investimento se autofinancia: o investimento cria sua própria poupança. A taxa de juros deve, pois, resultar da interação de outros fatores. Segundo Kalecki, ela depende do volume de transações  $T$  e da oferta monetária  $M$ , executada pelo Banco Central. Em sua teoria, a velocidade da moeda não é constante como na teoria quantitativa. A velocidade aumenta com o volume de transações. Teríamos:

$$\frac{T}{M} = V \quad (r)$$

onde  $T$  é o volume de transações,  $M$  é a oferta monetária,  $V$  é a velocidade da moeda e  $r$  é a taxa de juros de curto prazo. Graficamente:



Quando  $V$  é alta (isto é, quando a atividade econômica é mais intensa), será preciso um aumento maior da taxa de juros para motivar uma redução do encaixe monetário. A taxa de juros de curto prazo é o preço que se paga pela renúncia à liquidez.

##### C — Taxa de juros a longo prazo

É esta taxa de juros que os capitalistas levarão em conta em suas decisões de investimento. Como ela é estável, sua influência nestas decisões não é decisiva.

A taxa de juros de longo prazo é determinada por uma espécie de projeção futura das taxas passadas de curto prazo. Seria uma espécie de média móvel destas taxas. Além dessa média móvel, temos de levar em conta o risco porque a maturação de um investimento de longo prazo implica sempre maior risco. A taxa de longo prazo é, pois, composta da soma de duas parcelas: a média das taxas de curto prazo e a taxa de risco. Em símbolos:

$$i = r + h$$

onde  $r$  é a taxa de curto prazo e  $h$  é a taxa de risco. Já vimos antes que as taxas de curto prazo são instáveis e estão associadas ao nível da atividade econômica: quanto maior a atividade econômica, maior será a taxa. A taxa de risco ( $h$ ) comporta-se de maneira inversa e tem papel estabilizador. Por que isso? Porque na porção ascendente e no auge do ciclo, quando são mais intensas as atividades econômicas, o otimismo empresarial cresce, diminuindo os riscos.